



Capítulo 1

Introdução geral

Organizar a história de cada igreja. Eis a luta de quem se põe a levar aos leitores, em forma de livro, fatos que assinalaram a vida dessas centenárias igrejas. Como não se trata de imaginação, mas de pesquisa sobre o que realmente aconteceu, na maioria dos casos há falhas, em razão da ausência de documentos. Os próprios pastores de cada igreja, ao tentar levantar as informações, deparam-se com imensa dificuldade ante lamentáveis lacunas. Muitas informações são vagas e imprecisas, o que dificulta a montagem da história.

A tradição oral, por outro lado, nem sempre é confiável, em que pese a boa vontade de quem informa. O natural é recorrer aos mais antigos, porém na maioria dos casos os depoimentos são inconsistentes e fragmentados, ainda assim servem como pistas. Na hora de conferir, onde encontrar os registros? Muitos fatos são contados, mas simplesmente não foram registrados.

O redator, então, baseia-se no material histórico posto em suas mãos, às vezes retalhos da história. De qualquer modo, é difícil esse resgate, pois o registro dos fatos não vem à tona por si mesmo. O resgate torna-se quase sempre impossível. Lembra a caixa-preta do Airbus, mergulhada nas profundezas abissais do oceano, no sinistro da aeronave francesa. Ainda assim, com a mão de Deus operando e a preciosa cooperação das igrejas é possível constatar uma igreja viva e operosa.

Explica-se o título **PAIXÃO MISSIONÁRIA**. Poder-se-ia dizer que sem paixão não há missão. Como diz Oswald Smith, em seu livro *Paixão*



pelas almas, só os apaixonados fazem missão! Tem a ver com comunhão de sentidos. Paixão quer dizer sofrimento. Haja vista a Paixão de Cristo, que disse não ter vindo para ser servido, mas para servir e para dar a vida em resgate de muitos, ao derramar seu sangue no Calvário. O mesmo vale para seus seguidores, e tantos deles sofreram a ponto de serem torturados e assassinados, como aconteceu na história missionária no Brasil. Comove constatar tantos admiráveis exemplos de homens e mulheres que deram a vida pelo evangelho. Basta lembrar, como exemplo, de Antônio Pedro de Cerqueira Leite, advertido pelo médico para que não fosse à reunião do Presbitério no Rio de Janeiro, pois o coração já debilitado não suportaria a viagem e os debates. Ele teimou e deixou todo mundo desolado com sua morte por infarto fulminante, após uma das reuniões na Igreja Presbiteriana do Rio; que dizer de Miguel Torres, tísico, caquético, no lombo de cavalo, debaixo de temporais e friagem, na região do Sul de Minas para cumprir sua missão e responsabilidade para com as igrejas que pastoreava; e de Eduardo Lane, admirável exemplo de abnegação, que poderia ter ido com os companheiros para Lavras, mas preferiu ficar em Campinas a fim de ajudar a socorrer os atacados de febre amarela. Foi vitimado pela fatal doença, que lhe ceifou em seis dias a preciosa existência.

Escrever história é trazer à baila e à discussão crítica fatos passados, refletir e tirar lições deles para os dias de hoje e para os vindouros. Embora o foco principal sejam as igrejas presbiterianas centenárias como prova da perenidade da obra do Senhor, não dá para isolar suas histórias e fechar suas fronteiras a antecedentes e a conseqüentes. Ou seja, há necessidade de colar o passado delas ao presente e ao futuro, observar os fatos que possibilitaram sua existência e o que as igrejas produziram, com todos os desdobramentos. Por isso, nesse aspecto, toda obra histórica sobre a igreja do Senhor é inacabada. Escrever história é, também, buscar e revelar fatos ainda desconhecidos. Não é, portanto, simplesmente copiar textos históricos. A base bibliográfica é indispensável, mas não esgota tudo. Quem o diz são os historiadores honestos, os quais são mencionados nas citações e nas referências bibliográficas.

Que propósitos, afinal, tem este livro? Estão eles demoradamente expostos nos capítulos da Primeira parte e alguns nesta Introdução. Um deles é privilegiar o pouco ou nada conhecido, ou mesmo inédito. Por exemplo, é possível que a maioria dos presbiterianos saiba da história de Simonton, da notável obra realizada em poucos anos e da igreja fundada, que hoje se congrega na Catedral Presbiteriana do Rio de Janeiro. Porém, será que a maioria dos presbiterianos sabe das histórias de John Boyle, em Minas e Goiás; de Eduardo Carlos Pereira, em Campanha, e de Miguel Torres, em Caldas? Ou quem sabe da existência mais que centenária da Igreja Presbiteriana em

Itapuí? Onde fica isso, meu Deus? Certamente haverá falhas e omissões nunca intencionais, o que pode até causar resmungos, murmúrios, descontentamentos, até mesmo reações adversas incompreensíveis. Mas pode o livro, de outra parte, suscitar debates, mudar rumos, instigar tomadas de posição e mesmo impulso missionário. Incluem-se igrejas derivadas da Igreja Presbiteriana do Brasil, de maneira que a narração e a análise dos fatos têm por objeto primordial o Presbiterianismo a partir de igrejas centenárias, incluídas as presbiterianas independentes que, somadas ao presbiterianismo original, chegam a cerca de cento e trinta.

Busca-se, ademais, ampliação de conceitos, sendo desde já necessário avisar que a linguagem tem mensagem a públicos diferentes, ou seja, pretende alcançar os diversos níveis culturais e operacionais das igrejas. Não visa, portanto, somente as elites ou os estudiosos; ao contrário, tendo em vista as propostas, pretende influenciar o maior número possível de pessoas. Por isso, com observação de regras da indispensável metodologia, não é excessivamente acadêmico. Especialmente a linguagem, a da comunicação, sem agressões à língua e à gramática, pode alcançar todos os níveis. Embora se apresente o texto num misto de narração, descrição e dissertação, há muito de crônica e de “conversa” com o leitor, para provocar, envolver e estimular as pessoas a tomarem posição em face dos desafios que o livro apresenta. Por isso, há outras pretensões sadias, em que pese parecerem atrevidas.

Embora com pretensão pouco modesta de ser lido por grande parte do povo presbiteriano, o autor objetiva que as propostas do livro sejam, no mínimo, discutidas e, se possível, aplicadas. Há muitas indagações, umas sutis, outras diretas, como, por exemplo, por que, após cento e cinquenta anos, a Igreja Presbiteriana* não está maior? Não vai embutida na pergunta qualquer indicação de numerolatria, como quer o Movimento de Crescimento de Igrejas. Ou por que há tantos pastores sem campo e tantos campos sem pastor? Outra, por que cidades diferentes com o mesmo número aproximado de habitantes têm populações presbiterianas com números tão divergentes? Claro está que há características e circunstâncias peculiares a cada uma, mas as igrejas locais, em geral, e os responsáveis pela área missionária, em particular, deveriam investigar a razão de tanta diferença. Há uma capital, no Nordeste, com uma população fixa que beira três milhões de habitantes e com pouco mais de vinte igrejas presbiterianas.* Um município na Grande Vitória, com população fixa de menos de quatrocentos mil habitantes (em 2006), está perto de alcançar vinte igrejas.

* Refere-se à Igreja Presbiteriana do Brasil.